

MARCIA COVELO HARMBACH

GESTÃO DEMOCRÁTICA

MINÚCIAS, DIZERES E FAZERES DO CONSELHO
MIRIM NA EDUCAÇÃO INFANTIL



© Marcia Covelo Harmbach

Direção editorial

Marcelo Duarte

Patth Pachas

Tatiana Fulas

Coordenação editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais

Henrique Torres

Lais Cerullo

Guilherme Vasconcelos

Consultoria pedagógica

Josca Ailine Baroukh

Shirley Souza

Capa

Marcelo Araujo

Diagramação

Daniel Argento

Preparação

Beatriz de Freitas Moreira

Revisão

Joaci Pereira Furtado

Cristiane Fogaça

Impressão

PifferPrint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H251g

Harmbach, Marcia Covelo

Gestão democrática: minúcias, dizeres e fazeres do Conselho

Mirim na Educação Infantil / Marcia Covelo Harmbach. – 1. ed.

– São Paulo: Panda Books, 2023. 176 p.; 20 cm.

ISBN: 978-65-88457-10-8

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Professores – Formação. I. Título.

22-81197

CDD: 370.71

CDU: 37.013

Bibliotecária: Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439



2023

Todos os direitos reservados à Panda Educação.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou compartilhada por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

A todas as crianças com as quais dividi o caminho, especialmente meus filhos, Yan e Matheus, os grandes protagonistas da minha vida, com quem aprendo todos os dias; aos sobrinhos e sobrinhas queridos; aos meninos e meninas das várias escolas por onde passei; e à minha criança interior, com quem ando sempre de mãos dadas e que guia meus passos.

Ao meu amado marido, Oswaldo H. Junior, parceiro querido que entende as ausências e apoia os sonhos.

À minha mãe, Nair Covelo, mulher forte e batalhadora que me ensinou a fazer valer minha voz e a lutar pelo que acredito.

Às minhas parceiras de vida: Simone Cavalcante e Beatriz Garcia, por todo o acolhimento, a cumplicidade nas ideias “mirabolantes” e por trilharmos juntas a busca da autoria dos Conselhos Mirins, compartilhando sonhos e concepções para uma escola pública democrática e de qualidade.

A todos os educadores com os quais convivi e que acreditaram no sonho de uma escola que oferece vez e voz às crianças, especialmente aos educadores das EMEIs Dona Leopoldina e Antonieta de Barros, escolas do coração.

SUMÁRIO

- 9 Agradecimentos**
- 11 Prefácio**
- 13 O início de tudo: a escuta das crianças e a gestão democrática**
- 24 Diálogo com as infâncias**
 - 25 Um pouco do passado para falar do presente
 - 30 Chegamos ao presente...
- 34 Inspirações**
 - 34 Paulo Freire: realidade e dialogicidade
 - 37 Larrosa e o conceito de infância
 - 39 Malaguzzi e a pedagogia da escuta de Reggio Emilia
- 42 Voz como direito, não como concessão**
 - 44 Conselho Mirim: uma experiência brasileira
- 52 Direitos das crianças**
 - 52 Sobre o direito de subir em lugares altos
 - 55 Sobre o direito de escolha: dormir ou não dormir?
 - 59 Sobre o direito de apresentar a escola
 - 61 Sobre o direito de escolher o ritual de passagem
- 65 Transformações na escola a partir das vozes infantis: estudos etnográficos**
 - 67 Casinhas vizinhas
 - 69 Quadra para adultos ou para crianças?
 - 71 Pistas e percursos: marcas da cultura infantil no chão da escola

76 Olhar inclusivo sobre os brinquedos

78 Olhar empático

82 Construções a partir da ótica das crianças

82 Projeto Casa na Árvore

88 Lava Rápido de Crianças

90 Trepá-trepá Estrela

100 Participação cidadã e ocupação do território

103 Além dos muros da escola: relatos de participação infantil

105 Conversa com os vizinhos

107 Reivindicação de uma boa alimentação

110 Diálogos com os prefeitos regionais

113 Diálogo com a Prefeitura Regional: reivindicações para o bairro

117 O direito ao clube

123 Uma praça para todos

127 Conselho de adultos e conselho de crianças: intersecções

131 Percepções das famílias sobre o Conselho Mirim

136 O que dizem as crianças sobre o Conselho Mirim

138 Parceria EMEI-EMEF: a continuidade do Conselho Mirim

140 Indicadores de Qualidade da Educação Infantil na visão das crianças

145 Conselho Mirim pelos olhos da gestão

149 Como implementar um Conselho Mirim na escola?

153 Algumas palavras finais para as vozes iniciais

157 Referências

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à professora doutora Adriana Friedmann por trazer o fio da escuta para tecer a trama do protagonismo das crianças e da minha voz adormecida. Sua sensibilidade, sabedoria e amorosidade na condução da docência deixaram uma marca indelével em mim. Mais do que orientar, inspira. É uma grande mestra, uma referência para a vida.

Agradeço à Casa Tombada Lugar de Arte, Cultura e Educação por propiciar momentos ímpares de poesia e encantamento, aprofundamentos teóricos sobre o conhecimento de mundo e de mim mesma. Lugar onde quero estar sempre para aprender sobre as minúcias do humano.

Agradeço às parceiras do curso de pós-graduação “Escutas antropológicas: vez e voz das crianças”, que se tornaram pessoas especiais na minha vida e com quem quero caminhar sempre ao lado.

A todos os educadores que abrilhantaram esse curso e dos quais carrego um pouco de suas teorias em meus fazeres e elucubrações.

Em especial à professora doutora Luiza Christov, por provocar meu encontro com o texto acadêmico e a narrativa poética, inaugurando um novo olhar entre política e saberes infantis, na busca da prática democrática afetiva e emancipadora. E à professora Raquel Franzim, por despertar em mim a vontade de escrever sobre “o extraordinário” dentro “do ordinário” da escola, evidenciando o lugar das vozes infantis em uma escola transformadora.

PREFÁCIO

Sinto grande emoção e orgulho por ter acompanhado parte do percurso da Marcia Covelo Harmbach e agora prefaciá-la sua obra, testemunho de que ideias semeadas, conscientizadas e compartilhadas têm efetiva possibilidade de se tornarem realidade. Com coragem, muita luta, sem desistir e resistindo no seu percurso de vida, Marcia é exemplo de que a persistência e a concretização de ideais podem sair do lugar da utopia para chegar aos territórios onde há crianças, educadores, famílias e comunidade.

Por trás dessa mulher singela, doce, delicada, de voz baixa e fina, corpo miúdo, sorriso sincero e olhar profundo, mora uma grande, corajosa e indignada educadora, que milita pelo direito das crianças de participar, se expressar, ter espaços e tempos de vez e voz. Profundamente afetada pelas realidades que se apresentam a ela todo dia, ao abrir o portão da escola e receber as crianças, ela se permite ser atravessada por todo tipo de demanda e dificuldade. Marcia se aferra às suas convicções mais profundas e se entrega à escuta dos diversos atores da comunidade onde atua; arregança as mangas e põe mãos à obra para fazer valer ideias, vozes e problematizações com as quais as crianças desafiam a ela e a toda a comunidade.

Esta obra é resultado de décadas de muito “trabalho, suor e lágrimas”, em que Marcia, inspirada em grandes mestres, batalhou, conquistou e transformou espaços e atividades de forma democrática e participativa com as crianças e a comunidade: ela tem

a capacidade de escutar e abrir-se para aprender com as crianças, de derrubar barreiras e muros que separam a escola do território, e de criar para todas(os) espaços de escuta e fala.

O grande valor desta obra está em lançar luz sobre as várias experiências de protagonismo infantil nas quais Marcia foi peça-chave na motivação, no incentivo e na sensibilização de parceiros e parceiras, das famílias e, sobretudo, das crianças. Inúmeros exemplos de participação de crianças constituem a pérola deste trabalho, experiências ricas e inspiradoras que podem encorajar educadores e gestores a transformarem seus cotidianos escolares a partir de mudanças de postura ética e metodológica. Ética aqui entendida a partir do princípio de que crianças não podem nunca ser forçadas a participar de conselhos, fóruns, manifestações ou atividades, e que devem ser respeitadas nas suas formas singulares de dizer e se expressar. Assim, nós, adultos, precisamos aprender a escutar e decifrar o que estão a nos dizer.

É meu desejo que este trabalho sirva de inspiração e bússola para aqueles que têm como intuito criar, junto com as crianças, processos democráticos e horizontais de participação.

Meu carinho sempre!

Adriana Friedmann

O INÍCIO DE TUDO: A ESCUTA DAS CRIANÇAS E A GESTÃO DEMOCRÁTICA

É preciso ter paixão para aprender e ensinar.

Madalena Freire

Grandes mestres, amorosos e interessados na aprendizagem de seus alunos, inspiram não somente a vontade de aprender e aprofundar conhecimentos, mas também inspiram como modelos. Alguns deixam profundas marcas indeléveis, como minha professora de português no Ensino Fundamental II, Elizabete de Toledo, que propiciava pensar criticamente e observar uma mesma ideia pela visão de mundo de vários lugares, tempos e concepções, o que fazia meus olhos brilharem em suas aulas.

Minha paixão pela escuta do outro começou no Magistério, em 1979, com uma professora de sociologia, Márcia, que propunha rodas de conversa sobre temáticas da atualidade e debates sobre educação. Fui apresentada a Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Leonardo Boff e Rubem Alves, e descobri outra dimensão do conhecimento: a visão planetária e humanizadora.

Recordo que fiquei totalmente encantada e impactada com a crítica de Paulo Freire à “educação bancária”, na qual não havia espaço para a curiosidade, apenas para a repetição sem sentido de saberes hierarquizados – tudo o que presenciei na escola que frequentei quando criança. Freire propunha uma educação para

a liberdade, antítese da “educação bancária”, que considerasse o conhecimento prévio e a experiência vivida dos educandos para a construção de novos saberes, bem como a dialogicidade entre os sujeitos e o conhecimento, sem que houvesse conhecimentos superiores a outros, pois, como dizia, “não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p. 68).

Em contato com essas ideias, percebi que poderia concretizar para as crianças uma relação mais afetiva com a escola, bem diferente da que vivi na década de 1970, em pleno regime militar, quando não podíamos nos manifestar, mas apenas seguir regras e livros didáticos. Descobri o quão importante é escutar o outro, olhar nos olhos ao explicar algo, falar com o coração, auxiliar a descobrir a potência que temos dentro de cada um de nós. Acendeu-se, assim, minha paixão pela docência.

A Educação de Adultos foi outro divisor de águas na minha vida. Foi lá que aprendi realmente a ensinar e a aprender, com sentido, a importância da consideração da realidade vivida pelos educandos, para que a educação seja libertadora, sem reproduzir o autoritarismo que está presente em nossa sociedade como herança histórica. Jamais vou esquecer a gratidão daquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar, ao lerem sozinhas pequenos textos.

Lembro-me do Devanir, um sorveteiro que sempre era enganado, pois não sabia anotar suas vendas. Depois de alfabetizado, sabendo usar os números para as atividades cotidianas, dizia que sobrava dinheiro e levava todo fim de semana sorvete em minha casa como agradecimento. Percebi o quanto é fundamental um trabalho sério e acolhedor com a alfabetização, um diálogo com os alunos carregado de afeto. Conheci melhor a metodologia dialó-

gica de Paulo Freire e toda carga semântica de palavras e expressões que não deixei mais de usar: amorosidade; boniteza; a leitura de mundo precede a leitura da palavra; conscientização; libertação; e todo o vocabulário político-pedagógico desse grande mestre.

Na Educação Infantil, tive o privilégio de trabalhar com a diretora Rosa Maria Panicali, com quem aprendi e vivi sobre gestão democrática. Eu conduzia várias famílias à participação na escola e, ao perceber minha disponibilidade com os pais e as crianças, ela sempre compartilhava as informações com as outras professoras. Mesmo residindo longe da escola, ela fazia reuniões à noite para que a comunidade pudesse participar e ouvia com cuidado cada colocação de pais e educadores. Tinha admiração por sua força e competência ao coordenar os Conselhos de Escola e as equipes. Ela foi uma grande inspiração.

Desde o início da minha docência, eu participava de todos os Conselhos de Escola e realizava rodas de conversa e “conselhinhos”, como eu os chamava na época, com minhas turmas. A dialogicidade e o estudo da realidade local eram meu mote inicial de trabalho, em muito influenciada pelas leituras de Paulo Freire, pois o diálogo sempre foi um pressuposto importante em suas obras; como afirmava, “não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos Homens” (FREIRE, 1987, p. 44).

Os conteúdos e experiências na escola ganhavam significado quando partiam das vozes infantis e, por conseguinte, um maior envolvimento das crianças nos projetos, fato que reverberou no uso da metodologia dialógica em meus fazeres.

Na gestão da Prefeitura de São Paulo de Luiza Erundina (1989-1992), após participar como professora das formações

oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, fui convidada para trabalhar com a formação de educadores. Foi o período mais fértil e intenso da minha vida profissional, quando conheci pessoas incríveis, como Olga Kalil Figueiredo, diretora regional, uma mulher sábia, acolhedora e uma das mais democráticas que conheci nessa função. Foi uma administração inovadora, que retirou professores das salas de aula para formar outros professores, enquanto bebiam diretamente na fonte.

Trabalhei ao lado de Paulo Freire e Mario Sergio Cortella, à época secretários de Educação do município paulistano, e com uma gama de formadores que foram essenciais para minha própria formação: Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Malta Campos, Sonia Kramer, Lenira Haddad, Ana Angélica Albano, Roxane Rojo, Mirian Celeste Martins, Ana Mae Barbosa, Zilma de Oliveira, Lino de Macedo, Ana Maria Saul, Lisete Arelaro, Marina Célia Moraes, Marisa Garcia, Livia Maria, Terezinha Sebestyan, Vera Tomasulo e tantos outros que guardo com carinho na memória. Foram os anos mais profícuos de estudos e descobertas na rede municipal, principalmente na Educação Infantil, com a proposta de elaboração dos Projetos Político-Pedagógicos, dos Conselhos de Escola e da Gestão Democrática. Aprendizado que trago sempre comigo.

Ao término da administração Erundina, voltei para a escola, no meu cargo de professora, e me deparei com uma gestão sem diálogo com a comunidade e a equipe. Assumi o Conselho de Escola, mas o trabalho era difícil, principalmente porque a diretora, oriunda do Ensino Fundamental, não conhecia bem as especificidades da Educação Infantil e tinha uma concepção “escolarizante” – tomando como modelo para a gestão desse segmento o Ensi-

no Fundamental (“adultocentrista”), em que o foco é o poder dos adultos, em vez do das crianças –, que reverberava na construção do currículo e dos espaços da unidade, além de ter uma postura antidemocrática nas relações com educadores, pais e crianças.

Nesse período, resolvi prestar o concurso para direção e supervisão. Passei em ambos, mas confesso que jamais gostei do trabalho burocrático. Entretanto, decidi ouvir um grande amigo, antigo diretor, que me dizia que se eu quisesse ter liberdade de ação e dar o tom de gestão dialógica em uma escola, deveria assumir sua direção.

Iniciei minha função como gestora em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) enorme: Antonieta de Barros, com três turnos, 780 crianças, situada em uma comunidade muito carente, repleta de conjuntos habitacionais – a City Jaraguá –, para onde o governo levava os moradores das favelas que desmontava pela cidade, muitas vezes alocando comunidades rivais em prédios vizinhos. Um bairro dominado pelo tráfico, sem áreas de lazer ou espaços culturais e com muito lixo pelas ruas. Não era raro que nos deparássemos com toques de recolher ou pessoas mortas pelas calçadas.

Fiquei alguns anos nessa escola. Apesar de todas as dificuldades, tinha um corpo docente incrível, que pensava a escola com a gestão e adotava todas as ideias, aprimorando-as. Assim que cheguei, procurei conversar com o grupo e percebi que o fato de a escola estar necessitando de pintura os incomodava, queriam um ambiente mais alegre para receber as crianças. Propus um mutirão, pois só tínhamos dinheiro para as tintas, no que fui prontamente acolhida: educadores e suas famílias, pais e equipe gestora mobilizaram-se, pintando a escola interna e externamente.